

MY NAME IS JULIA ROSS / 1945

(*Angústia*)

um filme de Joseph H. Lewis

Realização: Joseph H. Lewis / **Argumento:** Muriel Roy Bolton, segundo a novela de Anthony Gilbert "The Woman in Red" / **Fotografia:** Burnett Guffey / **Música:** M. W. Bakaleinikoff / **Montagem:** James Sweeney / **Assistente de Realização:** Milton Feldman / **Interpretação:** Nina Foch (Julia Ross), Dame May Whitty (Mrs. Williamson Hughes), George MacReady (Ralph Hughes), Roland Varno (Dennis Bruce), Anita Bolster (Sparkes), Doris Lloyd (Mrs. Mackie), Leonard Mudie (Peters), Joy Harrington (Bertha), Queenie Leonard (Alice), Harry Hayes Morgan (Robinson), Ottola Nesmith (Mrs. Robinson), Olaf Hytten (Reverendo Lewis), Evan Thomas (Dr. Keller).

Produção: Wallace MacDonald para a Columbia / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 65 minutos / **Estreia Mundial:** Cinema Ambassador, New York, a 9 de Novembro de 1945 / **Estreia em Portugal:** Olímpia, a 3 de Janeiro de 1949.

Não direi que as pérolas abundam entre a produção B de Hollywood. Mas a frequência com que hoje se vão descobrindo dá a impressão de que nos encontramos diante duma caverna de Ali Babá de que se tenha encontrado, miraculosamente, o "abre-te Sésamo". No fim de contas, a esmagadora maioria das "redescobertas" mais não são do que o encontro, entusiasmante e maravilhado, duma geração mais nova com obras a que não tivera acesso, algumas delas enriquecidas com novos discursos que o tempo se encarregou de elaborar. Mas elas existiam e em grande parte foram já reconhecidas no seu tempo. É o caso de Joseph H. Lewis, como será o caso de um Stuart Heisler, um Edwin L. Marin ou um Ray Enright ou mesmo algumas preciosidades que simples artesãos deixam por vezes pelo caminho: um Frederick de Cordova e o seu **Desert Hawk (O Gavião do Deserto)** um Lesley Selander e o fascinante **Shotgun (O Vingador)** com Sterling (Johnny Guitar) Hayden. E omito, porque então o caso mudava de figura, um nome como o de André de Toth com preciosidades como **Day of the Outlaw (Homens de Gelo)** no western e **Crime Wave (Sombras na Cidade)** no filme negro. Trago a minha fígada ao citar todos estes nomes, Heisler, Marin, Enright e Toth, porque todos eles, como Joseph H. Lewis, trabalharam toda a sua vida no campo da série B (só Toth fez algumas escapadelas: **Indian Fighter**), e em todos eles se encontra um estilo próprio, uma marca pessoal no tratamento plástico ou na definição dos personagens, tantos quanto permitem os orçamentos, que fazem deles autênticos autores nos seus géneros. E também porque todos se especializaram no filme policial ou no western (ou mais num género do que noutro), campos por excelência da série B. E a redescoberta deste ou daquele filme de um ou outro dos realizadores tende a sobrevalorizar o género a que ele pertence em detrimento de outros que o mesmo realizador tenha feito. É o que parece ter acontecido com Joseph H. Lewis que hoje em dia surge apenas como o autor do genial **Gun Crazy** (que não troco por todos os **Bonnie e Clyde** do mundo), **So Dark the Night (Noite de Terror)**, **Undercover Man (Todos os que Falaram Morreram)**, **The Big Combo (Rajada de Morte)** e este **My Name is Julia Ross**. Este reconhecimento teve a ingrata contrapartida de deixar na penumbra os seus últimos quatro filmes que são outros tantos westerns, dois deles produzidos por Harry J. Brown e interpretados por Randolph Scott, os mesmos dos filmes de Boetticher e com quem também de Toth trabalhou (**The Stranger Wore a Gun**). À segura de Boetticher, Lewis opunha neles uma estilização quase barroca em **A Lawless Street (Rua Sem Sol)**, com um dos mais perfeitos duelos do western nos anos cinquenta, o que opunha Randolph Scott a Michael Pate, e uma desencantada e algo cínica visão da batalha de Little Big Horn em **7th Cavalry (O Sétimo de Cavalaria)** de novo com Randolph Scott. Barroquismo também era a marca de **The Halliday Brand (A Marca do Terror)**, estranho western, durante muitos anos proibido entre nós, cheio de ressonâncias freudianas e onde pairava a sombra do incesto entre o patriarca Ward Bond e a filha.

Insólito e diferente também o último filme de Lewis, um western com o mais estranho duelo no género: um caçador de baleias (Sterling Hayden) enfrenta com o seu arpão um pistoleiro.

Vai longa a deriva mas ela tinha por objectivo lembrar que Joseph H. Lewis não é apenas o cinema policial (por muito bom que seja) e que é preciso ter em conta os outros aspectos da sua obra: os notáveis westerns a que me referi e que valia a pena rever, e uma curiosa incursão no filme de guerra: **Retreat, Hell! (Retirar, Nunca!)**. E é tempo de prestarmos atenção a este notável **My Name is Julia Ross**. Realizado em 1945 foi o filme que de imediato chamou a atenção para o realizador, e foi também o que marcou o seu regresso à Columbia. Era uma produção B destinada a ser rapidamente despachada mas o interesse que Lewis mostrou pela história (adaptada de uma novela de Anthony Gilbert *The Woman in Red*) levou-o a passar um pouco as marcas. No debate aquando duma homenagem do começo de 70 e publicado na *Positif*, Lewis conta o que aconteceu: "*Após cinco dias de rodagem de **Julia Ross**, estava com três dias de atraso. O produtor executivo avisou-me: 'Ou recupera o atraso ou é despedido'. Respondi: 'Não só o não recupero como vou aumentá-lo. O filme demorará 20 dias'... **Julia Ross** foi rodado em 20 dias e foi um sucesso para um filme de série B. Conquistou um prémio da crítica de Nova Iorque e deu bastante dinheiro. Antes de **Julia Ross**, na Columbia não me indicariam sequer o caminho dos lavabos. Mas depois, Harry Cohn disse-me: 'Para si acabaram os filmes B. Vai ser um realizador de série A'".*

Foi apenas uma das habituais "bocas" de Cohn. Lewis continuaria no reino da série B, mas agora com uma maior confiança que lhe permitiria abordar logo a seguir num cenário de miséria e com actores desconhecidos, uma das suas obras mais perfeitas: **So Dark the Night**. Mas aquela "boca" mostra por si mesma o apreço que, na altura, teve **My Name is Julia Ross**, tanto entre a crítica como entre o público. A propósito do título, Lewis conta uma história divertida: como não era costume na Columbia dar ao filme o título da novela adaptada, resolveram dar um prémio a quem encontrasse o melhor título para a adaptação de *The Woman in Red*. Lewis sugeriu **My Name is Julia**. Cohn acrescentou **Ross** e exigiu os cinquenta dólares do prémio.

Julia Ross começa com uma sequência fabulosa que antecipa a de **Gun Crazy**: em plano inclinado e num *travelling* para a frente uma mulher atravessa a rua para entrar numa pensão. A chuva, o ângulo insólito e o movimento que parece pegar-se à personagem, definem o carácter obsessivo em que vai decorrer todo o filme. Ainda antes de sabermos o que vai acontecer sentimos que a fatalidade paira sobre aquela frágil silhueta e a carta, em grande plano, que a porteira lhe entrega é como que um enviado do destino. E assim é. Julia arranja finalmente o emprego que procura. Tarde de mais, Julia apercebe-se de que está prisioneira e que o objectivo daquela estranha família é enlouquecerem-na dando-lhe a identidade da mulher que fora assassinada por George MacReady, um dos mais cínicos vilões do cinema americano. À primeira vista é mais um dos muitos dramas góticos que por esses tempos se faziam (**Dragonwick, Gaslight, House of Telegraph Hill**, etc), mas uma das características da série B é assumir, com inocência, uma perversidade que numa produção de escalão superior a censura não deixaria passar. E a perversidade suprema de **My Name is Julia Ross** não está na angústia, do título português, que domina a heroína, não está na ameaça que continuamente paira sobre ela com as suas tentativas de fuga sadicamente cortadas, não está no carácter sinistro do assassino (psicopata frustrado e impotente) denunciado em duas sequências de antologia: rasgando com a navalha a roupa da rapariga, e a agressão fálica com a navalha ao travesseiro, sob o olhar aterrorizado de Julia escondida na passagem secreta. Não, a perversidade deste filme é de outro calibre, menos evidente, e tem a ver com a função de vítima. Chegados ao fim da projecção deixo-vos esta questão: quem é de facto a vítima em **My Name is Julia Ross**? Julia que mostra uma segurança, resistência e inventiva (repare-se no volte face final), ou o psicopata preso dos seus instintos e vítima duma cabala maior?

Por este filme de Lewis passam algumas sombras, e uma delas é a de Hitchcock, não só por **Rebecca** e **Suspicion** nos virem por vezes à memória (o interior da casa, as visitas, a falésia), mas também pela presença da inquietante velhota de **The Lady Vanishes**: Dame May Whitty.

Manuel Cintra Ferreira